



Pés leves, firme pisar

O sol vinha descalço, de Eduardo Rosal

Marcos Pasche*

Alguns dos maiores nomes da poesia brasileira dão a ver que a estreia de um poeta costuma passar pelo risco do que o futuro termina por revelar como indeterminação. Descartando seus primeiros livros, ou relegando-os ao lugar exclusivo do registro de uma fase incipiente, nomes como Mário de Andrade, Cecília Meireles e Ferreira Gullar, por exemplo, à altura da maturidade viram-se no passado como não gostariam de ser vistos no decorrer de suas produções. Com o avanço bibliográfico, eles e ela construíram poéticas com as quais suas estreias não se mostraram compatíveis, via de regra pela ingenuidade demonstrada no tratamento dado aos temas escolhidos.

Como citei autores do século XX, há especialmente nele, em se tratando da literatura brasileira, um outro risco de indeterminação autoral: uma vez que, ao longo do período, movimentos e estilos se estabeleceram com substantiva adesão, alguns poetas deram seus passos primeiros mais com pés alheios do que com próprios. Neste tópico, lembro o caso de José Paulo Paes, que mesmo já se apresentando com um livro intitulado *O aluno*, de 1947, foi advertido por Drummond numa conhecida carta: “[...] v. ainda

* Professor adjunto de Literatura Brasileira da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

não me parece v., ainda se procura através dos outros, quando é dentro de v. mesmo que terá de se encontrar [...]” (p. 35).¹

A alusão às duas possibilidades de insucesso é oportuna para tratar de *O sol vinha descalço* (2016), estreia de Eduardo Rosal na poesia. Por motivos óbvios, seria tolice afirmar que a obra há de permanecer na bibliografia do autor, algo a ser definido por ele e pelo tempo, e ambos são passíveis de movimentos radicais. Mas a autonomia verificável na escrita do poeta permite supor que o livro chega para ficar. O volume tem a chancela do Prêmio Maraã de Poesia 2015, e, mais do que isso, o que se vê ao longo de seus trinta e quatro textos – divididos em cinco seções – é uma escrita coesa, de tom preponderantemente leve:

Seus cabelos ensinam
o corpo do vento

como em desenho de criança
as asas dos pássaros
se confundem
às folhas das árvores.

(“Desenho”, p. 13)

A referida coesão se dá como consistência do conjunto, em que há variação sem dispersão, e também como procura consciente de um fazer poético autônomo. Se no século XX houve claras demarcações de terrenos estéticos, com protagonismo evidente em determinados momentos, este início de século XXI é poeticamente

¹ A carta foi transcrita integralmente na segunda edição do livro de José Paulo Paes, publicada em 1997.

conhecido pela convivência de dicções diversas. Isto não significa, no entanto, que não haja tendências mais prestigiadas do que outras, ou mesmo traços de escrita, como a primazia da experimentação formal e a rarefação referencial. Nisso o livro de Eduardo Rosal dá mostras de autonomia, na medida em que seu fazer do verso é também o fazer do verbo, que desde o princípio é a vida: “A imagem que me vê / nos humaniza: / Você é o corpo e a calma / que me levam a Deus” (p. 35), diz a última estrofe de “Tanto”, belo feito do conjunto.

A fala preponderantemente marcada pela leveza não exclui seu revés, o que, caso acontecesse, talvez soasse indiferença aos gritos do mundo. Além das vertentes de atuação de Eduardo Rosal, o crédito do livro informa ser o autor oponente do fascismo, esta praga que, ao contrário das naturais, inventa e aumenta o agro e outros tóxicos. Em meio aos textos, destaca-se uma recusa às cifras da religiosidade mercadológica, bem como a percepção de certo desacerto próprio dos cidadãos que, embora refratários ao bruto estado de coisas, por vezes se sentem anestesiados pela banalização generalizada, tema de “Humano”:

Tenho tido tão pouco ódio
que chego a ter medo
de não estar sendo
o mais humano que posso.

(p. 22)

Signo e símbolo recorrente na obra, já inscrito no título e no texto inicial – “Da costela do afeto” –, o sol é promessa e sinal concreto de afeição. Seja como elemento central da memória infantil (“Agora”, pp. 79-82), seja como correlato do retorno do pai que

preenche a casa de luz e de ternura (“Chegada da África”, pp. 71-3), o sol faz par com a leveza tão própria aos pés que se descalçam de atribuições ordinárias, que esfolam e calejam. Trata-se de bela e oportuna metáfora, portanto, para dizer do próprio livro de Eduardo Rosal: leve e discreto, por isso de pés descalços; de presença marcante e tocante, por isso solar – “Cada janela é uma canção / de saudade / futura / como o sol” (“Da costela do afeto”, “III”, p. 15).